

MARIA ESTELA GUEDES E OS HÍBRIDOS DA INVESTIGAÇÃO — ENTREVISTA

MARIA ESTELA GUEDES AND THE HYBRIDS OF INQUIRY — INTERVIEW

MARIA ESTELA GUEDES Y LOS HÍBRIDOS DE LA INVESTIGACIÓN — ENTREVISTA

Alessandro Zir¹

RESUMO:

Nessa entrevista, Maria Estela Guedes fala do seu trabalho como escritora, do seu livro mais recente sobre Helberto Helder, lançado no Brasil, e das investigações interdisciplinares desenvolvidas por ela com outros pesquisadores no Museu Nacional de História Natural (Lisboa).

Palavras-chave: Naturalismo. Poesia. Crítica literária. Híbridos.

ABSTRACT:

In this interview, Maria Estela Guedes talks about her work as a writer, her new book about Helberto Helder, recently released in Brazil, and the interdisciplinary research developed by herself along with other collaborators in the National Museum of Natural History (Lisbon).

Keywords: Naturalism. Poetry. Literary criticism. Hybrids.

RESUMEN:

En esta entrevista, Maria Estela Guedes habla de su trabajo como escritora, de su libro más reciente sobre Helberto Helder publicado en Brasil, y sobre las investigaciones interdisciplinarias desarrolladas por ella juntamente a otros investigadores en el Museo Nacional de Historia Natural (Lisboa).

Palabras clave: Naturalismo. Poesía. Crítica literária. Híbridos.

¹ Doutor pelo *Interdisciplinary PhD Program* da *Dalhousie University* (Halifax, Canada). Membro do GIFHC (Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências), do ILEA (Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados da UFRGS). Desenvolve pesquisa de pós-doutorado junto ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: azir@dal.ca



Natural de Britiande (Lamego), Maria Estela Guedes morou também em Guiné, e veio a licenciar-se em literatura pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1978. Desde então, tem publicado uma série de livros, o primeiro deles sobre Herberto Helder, quando o consagrado poeta português era praticamente desconhecido do público. Além de trabalhos de crítica literária, poesia e dramaturgia, Estela Guedes desenvolveu pesquisas sobre o naturalismo português no Museu Bocage e também junto ao Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade (CICTSUL) da Universidade de Lisboa. Teve peças encenadas e participou de exposições coletivas em artes visuais, bem como de programas de rádio e televisão. É membro da Associação Portuguesa de Escritores (APE), da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA), e do Instituto São Tomás de Aquino (ISTA).

Atualmente de volta a Britiande (cidade muito antiga, que guarda vestígios da época dos romanos), Estela Guedes continua refletindo sobre natureza e arte, passado e futuro fora dos esquemas tradicionalmente consagrados nas instituições acadêmicas. Tem viajado ao Brasil, onde participa de eventos em feiras literárias e instituições universitárias, e contribui para disseminação da cultura de língua portuguesa na área das artes, literatura, ciências e religião através do *cyberculture* site triplov.com, que fundou e dirige.

Conforme lembra a entrevistada em livro recentemente lançado no Brasil, “há quem diga que no mundo só existem híbridos, o que é aceitável se pensarmos que a tecnologia eliminou distâncias e fronteiras” (*A obra ao rubro de Herberto Helder*, São Paulo: Escrituras, 2010, p. 13). Mas a autora aponta para uma raiz antiga (para não dizer arcaica) do debate: o conceito grego de *hybris* (*Op. Cit.* p. 15). A temática conduz-nos àqueles locais precários onde as próprias disciplinas científicas — não muito diferentemente do que acontece com as vanguardas artísticas — nascem e se transformam: os interstícios e as margens. A interdisciplinaridade aparece aqui no que ela tem de mais incômodo, porque assume uma e outra disciplina no limite do que elas têm de arriscado, e se esforçam por suprimir.

Alessandro Zir - Como é ser uma escritora, portuguesa e mulher?

É três vezes mais difícil do que ser apenas um ser humano. Mesmo nas sociedades mais civilizadas e democráticas, a situação da mulher é sempre melindrosa. Qualquer coisinha faz estalar o verniz social e a discriminação logo aparece. Não
R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.8, n.2, p. 125-133, Jul./Dez. 2011

existe profissão de escritor, logo é penoso sê-lo. E Portugal atravessa uma crise imensa, que começa por ser de governantes, muito medíocres, e acaba integrada na crise económica global. Muito difícil lutar contra essas três muralhas.

Alessandro Zir - Não seria mais típica das mulheres do que dos homens a sensibilidade para perceber (e a coragem para dizer) que “levar a linguagem à carnificina, liquidar-lhe as referências à realidade, acabar com ela” não precisa ser necessariamente uma reposição do silêncio? A defesa explícita da barulheira genésica tem algo de irredutivelmente feminino? Uma multiplicação de falo-s?

Esse discurso não me pertence, é de Herberto Helder e de Pedro Proença. Eu sinto necessidade de me distanciar de certos discursos literários, mas, faça o que faça, eles permanecem. Herberto Helder permanece, no seu esplendor de linguagem metafórica, por muito que eu escreva poemas despojados. Na realidade, isso de levar a linguagem à carnificina é apenas conversa, certo? Ninguém consegue anular o discurso do outro, pode é o público, presente ou futuro, preferir o barroco ao minimal. Ou vice-versa. Há lugar para todos, sobretudo no caminho do tempo. Aliás, é dessas preferências e mudanças que é feita a história literária. O meu despojamento, a recusa de retórica, é apenas um reencontro com algo que já foi expoente na Idade Média, a poesia trovadoresca.

Alessandro Zir - As descobertas feitas por você junto a outros pesquisadores, como Nuno Marques Peiriço, no Museu Nacional de História Natural (Universidade de Lisboa), estão bem documentadas, tendo sido divulgadas a público. Ainda assim, gostaria que você nos dissesse algo sobre elas:

O que eu descobri, com o conhecimento e ajuda de outros investigadores, foi que o discurso dos naturalistas não é neutro nem homogêneo: ele comporta um discurso clandestino, uma língua velada, manifesta por gralhas que ultrapassam astronomicamente as margens de erro consideradas em qualquer operação científica. Um exemplo que tem reflexos recentes no TriploV, com os contributos de Orlins Santana, é o do famoso bloco de cobre nativo coligido na Cachoeira (Bahia), em 1782. Trata-se de um objeto museológico: uma enorme pedra de cobre enterrada num pedestal, com inscrição em latim no próprio cobre. A inscrição contém informação equívoca e, na sequência da pesquisa, descobri que muitos autores, ao longo dos séculos, transcreveram a inscrição (sempre com gralhas variadas), mas nunca a traduziram; quando falam do bloco, atribuem-lhe pesos variados. Posto isto, fiquei com um caso científico digno de ser analisado com mais pormenor. Qualquer um o pode estudar, está lá, é uma Esfinge a desafiar-nos com o seu discurso enigmático. Depois, foi a pesquisa, subsidiada até pelo CNPQ, no Recôncavo Baiano, com ajuda da equipa dirigente do Museu Geológico de S. Salvador. Principal dado falso comprovado: não existe cobre nessa região da Bahia. Entrando no capítulo das interpretações, discorri que a oferta do bloco de cobre aos

«imperantibus Maria I et Petrus III» (não aconselho a tradução...), como consta da inscrição, representava um ataque à Coroa Portuguesa. Orlins Santana dispõe de documentos que lhe permitiram afirmar que se tratou de um golpe para desviar recursos (naturalistas, acrescento eu) da Coroa para essa região da Cachoeira, de modo a apurar se nela existia ouro. Um dos naturalistas para ali desviados foi Manuel Galvão da Silva, que, sem o engodo cuprífero, devia ter seguido de Lisboa diretamente para Moçambique e Goa, territórios que lhe coube explorar, na mesma altura em que Alexandre Rodrigues Ferreira explorou a Amazónia. A Esfinge, com a sua linguagem misteriosa, permanece mais firme do que a que vai perdendo nariz e outras formas com a erosão do vento, no Egito. As interpretações é que podem ser frágeis. Isto é muito importante para as futuras investigações: existe matéria sólida para pesquisar no discurso velado dos naturalistas. O facto de os pesquisadores falharem nas interpretações não quer dizer que o tema de trabalho seja mau, sim que esses pesquisadores não são Édipo. Porque é que este assunto é importante? Porque, enquanto não aparecer Édipo, a explicar todo este cenário, a Esfinge vai devorando os pesquisadores, ao induzi-los em erro.

Alessandro Zir – A sereia é uma criatura do imaginário. Talvez, mas você tem escrito, por exemplo, sobre casos de reprodução de espécies em que o esperma é substituível por uma escovadela. Então, como sabe que uma sereia não poderia ser real, que na vida é impossível, se é que sabe?

Os modos de reprodução de animais e plantas são variados, alguns deles extraordinários. Eu não sou bióloga, tenho informação nessa área porque toda a minha carreira profissional, como técnica, decorreu no setor de Zoologia do Museu de História Natural de Lisboa. A pergunta diz respeito a um período da História em que os naturalistas procuravam averiguar qual o papel do esperma na reprodução. Hoje sabe-se que há espécies que o dispensam, caso das rãs que se reproduzem por partenogénese, ou seja, em que a população é só de fêmeas. A escovadela, como estimulante do desenvolvimento de ovos, julgo que se verifica em animais marinhos, lagostas ou caranguejos. Nada disto se relaciona com as sereias, que são criaturas do imaginário. Os híbridos formam-se a partir do cruzamento de espécies próximas, um dos mais célebres, neste momento, dada a regularidade com que passam na TV documentários sobre ele, é o ligre. O ligre tem caracteres de leão e de tigre distribuídos de modo a constituir animais viáveis. A sereia, pela distribuição geométrica dos caracteres, é um ser de arte e não da ciência. Supondo que fosse possível o cruzamento, o indivíduo resultante teria escamas na cara e barbatanas no rabo, não surgiria como colagem de uma posta de peixe a uma posta de mulher. Em todo o caso, corre a história de que, no British Museum, em Londres, existiu um exemplar de sereia. Um dia, alguém resolveu abri-la para ver o que tinha dentro e descobriu arames a segurar a posta de mulher à posta de pescada... Pensariam os naturalistas do British Museum que a sereia era verdadeira? Não. E agora, permite que eu considere importante novo dado: em certos museus, como o de Paris, o de

Londres, o de Berlim, tudo se conserva, até sereias. Noutros museus, tudo arde ou se consome em inundações. Ora é importante conservar, para as pesquisas se levarem a termo. Se a sereia não tivesse sido conservada, hoje não poderíamos sorrir dos seus íntimos arames. O que devemos perguntar em relação às espécies criadas pelo Homem, como os híbridos, é o seguinte: os ligres conseguem reproduzir-se? Se sim, poderão vir a constituir populações. Se não forem capazes de ter meninos, então pertencem à categoria das sereias: criados pelo engenho da ciência, não constituem espécies. São apenas personagens do maravilhoso no discurso biológico. Algumas destas formas novas recebem até, por parte da ciência, o sugestivo nome de “quimeras”.

Alessandro Zir – Agora, referindo de forma direta a um evento bastante recente (Britiande, 3 de fevereiro de 2008): quem foi que pintou, mosqueou, a salamandra atropelada? Fale-me de Miss Pimb:

MEG – Quem salpicou de preto a salamandra amarela ou quem salpicou de amarelo a salamandra preta? Não sei. Os criacionistas diriam que foi Deus, mas eu sou criadora, não criacionista. Miss Pimb é uma personagem de colegial que criei para falar com inocência dos animais e das plantas não domésticos. O seu espaço privilegiado é o da herpetologia, porque trabalhei com vários especialistas de répteis e anfíbios, então o grupo das salamandras, tritões, lagartos, etc., é o mais familiar para mim.

Alessandro Zir – Voltando à questão dos híbridos e da natureza. É possível, na poesia de Herberto Helder, por exemplo, atingir a impossibilidade natural absoluta: a cobra ser raiz e a rosa ter guelras. Que espaço é esse a que se atinge? Seria o lab oratório? E é possível ir além?

Sim, a metáfora, em geral, exprime o não-natural. Existe um laboratório nas artes literárias e plásticas, a partir dos anos 1960 os artistas praticaram-no. É o experimentalismo, e Herberto Helder colaborou e co-editou uma Revista de Poesia Experimental. Mas o Herberto é um artista muito mais do oratório do que do laboratório, apesar do seu ateísmo. Quero dizer: é um poeta visionário, ligado às fontes misteriosas da criação. Além do espaço visionário, da grande imaginação, que se patenteia mais em certos movimentos, como o surrealista, não sei se é possível ir. Penso que é fácil mudar, a arte tem grande capacidade de se transmutar, mas essas transmutações operam-se à superfície. Nas questões radicais, penso que não mudamos muito, andamos sempre em torno dos mesmos temas: amor e morte. Daí que os surrealistas possam encontrar precursores no século XVI, ou mesmo antes. Quando a nossa novidade é tanta que nos sentimos em perigo, procuramos a proteção dos antepassados. E há sempre alguém que, antes de Herberto Helder, já punha em cena barbatanas de clorofila... Já comia este mundo e o outro, como Gargântua, como Pantagrueu.

Alessandro Zir – Numa passagem do seu livro mais recente sobre Herberto Helder, você critica a hierarquização que tradicionalmente se faz entre metáfora e símile (Op. Cit. p. 21). Mas desde Aristóteles, se tem a metáfora como uma figura mais forte. E não seria isso verdade? Por ser mais econômica, a metáfora parece mais fiel à violência criativa da physis. Tem mais força dizer “os teus seios são duas rosas” do que dizer “os teus seios são como duas rosas”, ou não? Poderia analisar em termos de um outro exemplo, tirado da tua própria obra?

Se na metáfora não existisse, implícita, a comparação, talvez eu concordasse. O exemplo que eu dei, das rosas, foi fabricado para a circunstância, por isso não parece funcionar. Na minha poesia, se me permites, vou analisar outra coisa: eu tenho vindo a fugir da metáfora, de toda a figura de retórica. Escrevo poesia tão desataviada que me interrogo às vezes se não será apenas prosa de linhas quebradas, por força de um ritmo que obriga a essa pontuação, mais forte que a convencional. E o facto é que essa poesia agradou muito aos brasileiros. «Chão de Papel», um caderninho de poemas que veio cá parar, agradou tanto que foi adoptado por vários professores de Literatura da UNINOVE. Em consequência, na mesma linha despojada, vão sair «Arboreto», na Arte-Livros, de São Paulo, e «Risco da Terra», na Apenas Livros, de Lisboa. Então, em vez de metáforas, posso é deixar um poema de «Arboreto», para exemplo de escrita com retórica zero e botânica quase a cem por cento, já que te desperta interesse a hibridação entre arte e ciência:

O pinheiro

Pinus pinea

Pinus pinaster

lembram de D. Dinis

o piño com as suas flores de altura

que só imaginando vemos

dos longes do mar antigo

quando partindo acenamos

«Ay flores do verde piño!»

à amiga que leixamos.

Doces chegadas

amargas partidas.

Aqui

sobrevoando a campina ribatejana

com um pinhal breve a escudá-la

flui um bando vagaroso de cegonhas.

Alessandro Zir – Numa nota em A obra ao rubro, você afirma que “o debate dos teóricos da literatura sobre os híbridos vem assumindo contornos racistas”, e

R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.8, n.2, p. 125-133, Jul./Dez. 2011

defende que “convém saber o que são os híbridos e os mulatos, antes de os utilizarmos para definir fenômenos que mais relações têm com a globalização do que com a biologia” (Op. Cit. P. 27). A quem exatamente era dirigida essa crítica?

O assunto merece referência porque os ensaístas, ao defenderem o regresso à pureza, e ao desvalorizarem o crioulo por ser híbrido, estão a manifestar racismo. Perguntava-me um deles, e me perdoarás por não mencionar nomes, o que pensava eu das raças puras. E eu respondi, para seu enorme espanto: as raças puras degeneram facilmente, é preciso renová-las periodicamente, com introdução de indivíduos oriundos de outras populações. Na zootecnia, a raça pura obtém-se cruzando a mãe com o filho. Na prole resultante, eliminam-se os indivíduos que apresentem mais diferenças em relação aos pais. E assim sucessivamente, nas gerações seguintes, conservam-se os indivíduos mais parecidos com o modelo que escolhemos e matam-se os mais diferentes, para que não se reproduzam. Os seres humanos sempre souberam disto, acho eu, e por isso criaram o tabu do incesto. Certas tribos, para evitarem casamentos consanguíneos, não os permitem na aldeia: o rapaz tem de ir procurar mulher a uma aldeia bem distante da dele. Isto para dizer que no mundo das coisas puras não há variação possível, o lote de alternativas é restrito. Por isso, esgotado o lote realista, vamos ao surrealismo. No campo da miscigenação, o lote de variantes é enormíssimo. Além disto, o que os defensores da pureza não sabem é que os híbridos têm a tendência para ser melhores que pai e mãe: maiores, mais fortes, mais resistentes. Os portugueses aprenderam essa lição bem cedo, por isso estimularam o surgimento do mulato. Em São Tomé, por exemplo, ilha quase desabitada à data da descoberta, quer brancos quer negros morriam rapidamente, de malária e outras doenças. Porém o mulato, que parecia possuir o melhor de pai e mãe, era muito mais resistente.

Alessandro Zir – O “fundo de cisterna em que bebem luas”, aquilo que em poesia não é imitação da natureza, aquilo que na poesia de diferentes autores permanece uma reserva, impossível de explicar, é sempre o mesmo, ou um outro, outros, a diferença, diferenças enquanto tais? Há um Deus? Deuses? Apenas demônios?

Não sei se Deus existe fora do nosso desejo e vontade, e sobretudo além da nossa literatura em que Ele (também?) foi criado. Tenho, no entanto, a certeza de que a ciência e a filosofia estão apenas a dar os primeiros passos no conhecimento da biosfera, esfera da vida composta por uma tremenda diversidade de espécies. Entre elas, a nossa. Sabemos pouco de nós. Por isso ainda não sabemos ao certo que motores desencadeiam as diversas criações dos diversos criadores, que não são apenas os artistas, também são os filósofos, os cientistas, etc..

Alessandro Zir – A ciência, além de explicar, tem objetivos práticos. Ela transforma a realidade. E a poesia? Ela tem também uma dimensão encantatória

e ritual. Como Estela Guedes entende essa dimensão? Poderia dar um exemplo? Qual a sua glossolalia preferida?

O que não compreendemos pode funcionar como glossolalia. Tenho saudades do latim da liturgia católica porque eu sabia os textos de cor, mesmo sem saber latim. Agora, que entendo o que se diz, não consigo estar atenta, porque o discurso é estranho daquela maneira a que se refere Frei José Augusto Mourão, recentemente falecido: “O discurso da Igreja é estranho ao nosso corpo e à nossa linguagem”. Não sei explicar em que consiste a diferença, mas ela fica contida neste exemplo: o texto em latim fascina, não o entendendo eu, e tem valor ritual. A oração em português entedia, e carece de valor ritual. Falta-lhe dimensão de altitude...

Alessandro Zir – “Operações salamandras” legítimas estão sempre ligadas a grupos iniciáticos? Qual a importância desses grupos?

«Operação Salamandra» é título de um livro meu (foi publicado na Contraponto, cujo editor é um célebre surrealista, Luiz Pacheco, e está em linha na Internet) escrito com o Nuno Marques Peiriço. «Operação» em sentido de romance de espionagem, à James Bond. Nele refiro os carbonários, sim. Havia muitos carbonários em finais do século XIX, foram eles que impulsionaram a fundação da República Portuguesa. A importância das maçonarias, no caso dos textos dos naturalistas, decorre da facilidade com que os maçons podem pôr em prática recursos de linguagem velada que lhes são próprios. Em sentido universal, a sua importância é educativa. Eles puseram a funcionar palavras de ordem muito fáceis de seguir por populações, decorrentes de uma filosofia de mudança também muito facilmente apreensível: «Liberdade, Igualdade e Fraternidade». Na luta contra a escravatura, na imposição das independências, por implícita guerra contra o colonialismo, essa ação tornou-se patente sobretudo na América. O Brasil, os Estados Unidos e outras nações novas resultam da passagem à prática daquelas palavras de ordem.

Alessandro Zir – “Operações salamandras” podem ser feitas na academia? Oficialmente? Publicamente?

Sim, o livro teve lançamento no Museu de História Natural, com a presença do então diretor, Professor A.M. Galopim de Carvalho, que aliás mantém presença no TriploV (www.triplov.com), sede da maior parte da minha investigação. Mas é difícil porque não existe colaboração da ciência para a resolução dos problemas. O que eu vim dizer, ao alertar para a existência de um discurso velado, constituído por erros colossais, nos textos da ciência (isto é a Esfinge, que existe como Himalaias), foi que existem mais híbridos na natureza do que deixam perceber as teses de doutoramento atuais (como não sou Édipo, posso falhar a interpretação). Se a minha exegese estiver certa, então, ao erro deliberado, é preciso acrescentar toda a sorte de desvios da realidade, cometidos por pessoas inocentes, que de nada sabem. Ora

a ciência não tem nenhum interesse em dar-me o braço nesta matéria. Volta e meia sou chamada para participar em algum colóquio, apesar de aposentada, os cientistas enviam colaboração para o TriploV, o que significa respeito por mim, mas esclarecerem a situação é que não esclarecem. Nota que eles têm muito menos liberdade de ação do que as pessoas das Letras.



Entrevista:

Recebido em: 19/10/2011

Aceito em: 10/11/2011